ENTRE A BARBÁRIE E A UFOLOGIA: PUBLICIDADES DA REVISTA *UFO* (1988-1991)

BETWEEN THE BARBARY AND THE UFOLOGY: PUBLICITIES OF *UFO* MAGAZINE (1988-1991)

Kevin Franco dos Santos[1]
https://orcid.org/0000-0003-0765-603X
http://lattes.cnpq.br/0632707282291203

Recebido em: 04 de janeiro de 2026.
1ª revisão: 01 de setembro de 2026.
Revisão final: 14 de outubro de 2026.
Aprovado em: 14 de outubro de 2026.

https://doi.org/10.46401/arec.2026.v18.24841

1 Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD); Editor-chefe da revista discente História em Reflexão. Mestre em História (PPGH/UFGD). E-mail: kevinfranco_16@hotmail.com

Resumo: A revista *UFO* surgiu nos anos 1980 como o principal periódico ufológico do Brasil. Editada por A.J. Gevaerd, teve início em Campo Grande (MS) e enfrentou instabilidades econômicas. Nas primeiras edições, abordou em reportagens casos ufológicos de Mato Grosso do Sul e do interior do país que reforçaram discursos associados ao histórico estigma de "barbárie" da região. O texto analisa essas narrativas a partir das edições nº 1, 3 e 4, publicadas em 1988.

Palavras-chave: ufologia, Mato Grosso do Sul, história da imprensa.

Abstract: *UFO* magazine emerged in the 1980s as the leading ufological periodical in Brazil. Edited by A. J. Gevaerd, it began publication in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, and faced periods of economic instability. In its early issues, the magazine reported on UFO cases from Mato Grosso do Sul and other inland regions of the country, reinforcing discourses associated with the region's historical stigma of "barbarism." This text analyzes these narratives based on issues no. 1, 3, and 4, published in 1988.

Keywords: ufology, Mato Grosso do Sul, history of the press.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A revista *UFO*, quarto empreendimento editorial do grupo ufológico brasileiro CPDV (Centro de Pesquisas de Discos Voadores), foi lançada em março de 1988. Dirigida pelo ufólogo paranaense Ademar José Gevaerd, *UFO* foi antecedida por três revistas: *Ufologia Nacional & Internacional* (1985-1986); *Parapsicologia Hoje* (1985-1986); e *Psi-UFO* (1986-1987). Essas revistas, lançadas na segunda metade da década de 1980, foram caracterizadas por uma contínua instabilidade nas publicações, flutuantes de acordo com o vai e vem da economia, numa década[2] marcada por forte crise cambial no findar do regime ditatorial (1964-1985) que outrora comandava o país.

Por ufologia, denomina-se a área destinada à investigação e pesquisa do fenômeno dos objetos voadores não identificados (OVNIs), cuja interpretação da ufologia os colocam como de possível origem extraterrestre. É uma campo de investigação apócrifo, elencado às pseudociências, pois sua abordagem carece de método científico reconhecido. No âmbito das ciências humanas, em especial a Antropologia e a historiografia, porém, constitui promissor campo de estudo.

A ufologia tem seus primórdios nos eventos chamados *1947 Fever*: uma onda de supostos avistamentos de discos voadores nos Estados Unidos da América, iniciado em 24 de junho de 1947, quando o piloto norte-americano Kenneth Arnold relatou a repórteres ter avistado um conjunto de objetos sobrevoando sobre um lago nos arredores do Monte Rainier como ""um disco que deslizasse sobre a água" (Carlos, 2007, p. 6). Daniel Pícaro Carlos comentou o efeito posterior desse avistamento:

> Nos dias que se seguiram, em diversos pontos dos EUA, pelo menos duas dezenas de testemunhas relataram terem tido avistamentos dos mesmos objetos observados por Kenneth Arnold. Nos anos seguintes, as testemunhas já passavam das dezenas de milhares, sendo que os objetos eram agora vistos em todos os cantos do planeta. Iniciava-se a chamada "Era Moderna dos Discos-voadores". (Carlos, 2007, p. 6)

2 A década perdida refere-se aos anos 1980 na América Latina, marcados por estagnação econômica, crise da dívida externa e inflação elevada. O período resultou de endividamento excessivo, aumento das taxas de juros internacionais e retração do crédito externo. Como consequência, houve queda do crescimento, aumento do desemprego e deterioração das condições sociais. No Brasil, o contexto afetou políticas públicas, renda e estabilidade econômica. Para saber mais: SALLUM JUNIOR. Brasilio; KUGELMAS, Eduardo. O Leviathan declinante: a crise brasileira dos anos 80. **Estudos Avançados**, v. 5, n.13, p. 145-159, 1991.

Desse avistamento, a ufologia se edificou a nível global em um conjunto de práticas e narrativas que resultaram, indiretamente, nas revistas ufológicas abordadas neste trabalho, que divulgavam os ideais ufológicos. Tais revistas apresentavam um discurso baseado numa escatologia de cunho ufológico, em que se ansiava e se esperava continuamente pelo contato com civilizações extraterrestres. Essa ânsia ora provocava reações de êxtase, quando na ocorrência de casos ufológicos, ora de desilusão, discordância, provocando atritos na comunidade ufológica, que ecoavam nas revistas. A expectativa do contato com esses seres é o que move os periódicos.

Como periódicos estabelecidos sob uma ótica capitalista, as quatro revistas tiveram dificuldades em manterem-se enquanto produtos midiáticos de divulgação ufológica. O preço variava conforme o humor da economia, de modo que suas manutenções eram desafios constantes de seu grupo editorial, visto que constuíam produtos de colecionadores e consumo supérfluo, de caráter secundário em contextos de crise. Desse modo, uma possível fonte de recursos do meio editorial eram as campanhas publicitárias, em que empresas diversas compram espaços em revistas e jornais para divulgar seus produtos. Assim, a revista enquanto produto torna-se um espaço privilegiado para o mercado publicitário:

> [...] quem pode comprar revista é consumidor em potencial. Por isso a revista é uma mídia privilegiada para o mercado publicitário: tem público selecionado, específico, significando retorno garantido de investimentos em propaganda. Além disso, as revistas semanais são consideradas "transmissoras de ideias" e "meios de maior credibilidade" (Silva, 2003, p. 46).

Porém, credibilidade de um periódico, ingrediente primordial para financiamento de campanhas publicitárias, era um ponto sensível e controverso na "imprensa" ufológica de Gevaerd, visto que a ufologia é uma pseudociência com histórico de embustes, falsificações e imprecisões em seu entorno. Nesse sentido, *UFO* e suas antecessoras gozavam de prestígio em seu objeto de abordagem e entre seu público consumidor usual, os ufólogos e simpatizantes da ufologia, mas eram produtos que detinham pouca inserção no mercado editorial, graças à reputação pouco confiável da ufologia e paranormalidade, especialmente na década de 1980, em que figuras histriônicas e sensacionalistas como Uri

Geller[3], Edward Meier[4], dentre outros, inundavam programas de auditório ao apresentarem suas habilidades psiquícas e contatos com extraterrestres

A ufologia, o campo de estudo, investigação, pesquisa dedicado ao estudo dos OVNIs, os objetos voadores não identificados, é uma das produções humanas acerca da existência ou não de vida fora da Terra. As alegações e considerações da ufologia, que tenta ser vista como uma área cientifica por seus pares e para seus opositores, contudo, contradiz amplamente o estatuto cientifico, ao abraçar teses estapafúrdias, absurdas e incongruentes. Assim, empresas dispostas a financiar produtos nessas revistas eram raras e ocasionais pelo risco de terem suas imagens públicas chamuscadas pelo conteúdo e temática dessas revistas. Tal visão era admitida pela própria revista em editorial da edição nº 2, de 1988:

> De fato, UFO é uma revista cara, mas por uma razão simples: o mercado publicitário brasileiro ainda está "fechado" quanto a anunciar em publicação como a nossa. Isso quer dizer que poucos empresários desejam veicular anúncios de suas empresas numa revista sobre UFOs! (Gevaerd, 1988, p. 5)

Assim, este trabalho, constante no terceiro capítulo de dissertação escrita por este autor, aborda as publicidades presentes em edições da *UFO* de 1988 até 1991, problematizando e investigando as estratégias requeridas pelo grupo editorial para garantir a subsistência da revista a partir de seus discursos, problematizando-os sob o conceito do estigma da barbárie, cunhado pela historiadora Lylia da Silva Galletti.

Para este trabalho, foram utilizadas as edições nº 1, 3, e 4 de UFO, lançadas entre março e novembro/dezembro de 1988. Nessas edições, observou-se o discurso adaptado da *UFO* presente na publicidade principal dessas edições: o Hotel-Fazenda Salobra, sediado em Miranda – MS. A escolha desses exemplares reside no fato de que eles contêm a mesma campanha publicitária, a respeito do Hotel-Fazenda, mas com abordagens distintas, propondo, assim, uma análise sobre as intencionalidades particularizadas e o alcance dessas publicidades. As

3 Uri Geller foi um ilusionista israelense que ganhou notoriedade internacional nas décadas de 1970 e 1980 ao afirmar possuir habilidades paranormais, como telepatia e psicocinese, frequentemente investigadas e contestadas por cientistas e céticos. GELLER, Uri. Biographical information. Disponível em: https://urigeller.com/. Acesso em: 25 ago. 2026.

4 Eduard "Billy" Meier é um cidadão suíço conhecido por alegar contatos prolongados com seres extraterrestres das Plêiades, divulgados por meio de fotografias, relatos e escritos. KINDER, Gary. Light years: an investigation into the extraterrestrial experiences of Eduard Meier. New York: Atlantic Monthly Press, 1987.

edições nº 2 e 6 também foram exploradas como fontes de apoio para a aferição dos discursos e informações exigidas no curso da pesquisa.

Por publicidade, adota-se o conceito utilizado por Hermano Balbino dos Santos Neto e Ivan Santo Barbosa:

> A publicidade, atualmente, pode ser definida como "campanha cuja finalidade é promover comercialmente um produto, serviço ou loja" (Barbosa, in Corrêa, 1995, p. 32). Suas principais características são o seu caráter persuasivo e comercial, feito principalmente em meios de comunicação de massa como a TV, o rádio, etc. Ou seja, a publicidade tem discurso persuasivo, sedutor que está voltado para o consumo. Ela informa características reais ou imaginárias de um certo produto a fim de envolver seu público, de forma que se crie um desejo neste, para que e ele tente se satisfazer por meio do produto (Santos Neto; Barbosa, 2007, p. 1)

Desse modo, busca-se averiguar porque a revista dedicou espaço a essa publicidade e por tanto tempo, visto que ela começou a anunciar na edição nº 5 de *PSI-UFO*, de março/abril de 1987, passando pela edição nº 1 de UFO, de março de 1988, até a edição nº 17, de outubro/novembro de 1991, sempre em sua página final da revista, um anúncio publicitário de página inteira dedicado ao Hotel-Fazenda e posteriormente sobre o Pantanal como um todo.

Outro foco de análise é dissecar o discurso apresentado por esses anúncios especialmente nas edições 3 e 4, carregado de uma visão historicamente atribuída a Mato Grosso e regiões interioranas: o estigma da barbárie. Segundo Galetti

> O estigma da barbárie contornava-se numa visão estereotipada e dúbia, uma combinação de ufanismo e pessimismo, desenhando o mapa de um país cujos atributos naturais ora favoreciam a construção, no futuro, [...] ora pareciam condená-lo a submergir na barbárie (Galetti, 1995, p. 50).

Tratava-se, portanto, de uma visão propagada por viajantes e pessoas exteriores a Mato Grosso, que "cultivavam essas representações que oscilavam entre o trágico e o bucólico" (Galetti, 1995, p. 52). Um discurso estereotipado e que reverberava as expectativas e impressões do "outro" sobre essas populações e regiões. Embora Galetti situe sua interpretação a partir de fontes que vão do século XVIII ao século XX (Galetti, 2012, p. 24), é possível aplicar o conceito ao conjunto de fontes elencadas neste trabalho, que traziam tal discurso sobre a região sul de Mato Grosso, desmembrada em Mato Grosso do Sul como uma nova unidade federativa em 1977, sob uma roupagem distinta: a ufologia. Nesses pressupostos, Mato Grosso do Sul, estado recém criado à época, era visto como

arsenal de possibilidades para a ufologia, ao mesmo tempo em que convivia com uma visão oriunda da barbárie e da selvageria pelos editores da revista.

O objetivo principal deste trabalho é elucidar o teor das campanhas publicitárias sob o viés da historiografia, visto que, a partir destas, é possível uma análise dos discursos e das intencionalidades do periódico, já que publicidades automaticamente referem-se a dinheiro investido nas revistas e a "importância do crescimento da publicidade está relacionada com a opinião que a imprensa veicula" (SODRÉ, 1999, p. 15). Desse modo, articula-se as publicidades conforme a opinião veiculada pelo periódico. Para isso, autores do âmbito da ufologia, como Daniel Pícaro Carlos (2007), da história da imprensa, como Tânia Regina de Luca (2008), Nelson Werneck Sodré, dentre outros, foram instrumentalizados para subsidiar teoricamente este trabalho.

PRIMÓRDIOS DE UMA IMPRENSA UFOLÓGICA

A Revista *UFO* tem suas origens em 1985, a partir do periódico "*Ufologia Nacional & Internacional*". Esta primeira fase do que futuramente resultaria na *UFO* foi coordenada por Ademar José Gevaerd, seu principal idealizador. Gevaerd, na edição comemorativa de nº 200 da revista, em 2013, comentou sobre o processo de criação do periódico:

> A nova publicação era extremamente modesta, mas, não apenas em razão da época em que circulou, como também por muitos outros fatores, era um projeto muito ousado — talvez até maior do que eu pudesse supor na época. A revista tinha 20 páginas em preto e branco e era produzida com enormes dificuldades, mesmo assim saindo quase todos os meses. Ufologia Nacional & Internacional durou apenas 10 edições, durante as quais recebeu a companhia da Parapsicologia Hoje, a primeira série sobre o tema que já existiu no país (Gevaerd, 2013).

Esta revista surgiu de uma conjunção de fatores políticos, econômicos, sociais e ufológicos, que permitiram seu desenvolvimento. A isto remonta-se às décadas de 1970 e 1980, quando foi lançada a primeira revista da Ufologia brasileira, a revista *OVNI Documento*, coordenada pela ufóloga naturalizada brasileira Irene Granchi. Lançada em 1978, um ano após o início da Operação Prato (operação militar destinada a investigar uma ocorrência ufológica no Pará, em 1977), a *OVNI Documento* tratou-se de um periódico trimestral destinado à divulgação

da pesquisa ufológica no Brasil, durando apenas 8 edições, encerrando suas atividades por volta de 1980.

A *OVNI Documento* era lida e apreciada por Ademar Gevaerd. Não obstante, Irene Granchi tornou-se articulista do conjunto de periódicos de Gevaerd ao longo dos anos, tendo sua pioneira revista exercendo influencia nos periódicos e na comunidade ufológica. Essa evidência foi encontrada no obituário de Granchi escrito na revista *UFO*, em 2010:

> Em 1978, numa parceria com a Hunos Editorial, lançou a revista *OVNI Documento*, o primeiro veículo brasileiro inteiramente dedicado à Ufologia, antecessora direta da *UFO*. A publicação, no entanto, durou apenas dois anos e teve somente oito edições. Foi devido a isso que surgiu a Revista *UFO*, tendo em Irene uma fonte de inspiração direta e constante. (Poian, 2010)

O contexto ufológico do lançamento de *Ufologia Nacional & Internacional* mistura-se com a vida pessoal do editor, remontando a 1982. Em março daquele ano, após ser noticiada uma ocorrência ufológica no estádio Pedro Pedrossian, em Campo Grande – MS, em que um objeto com luzes cruzou o estádio, lotado com mais de 20 mil pessoas, Gevaerd muda-se para esta cidade com o intuito de investigar este incidente. Em entrevista, o editor elucidou aspectos desse contexto:

> Esse é o caso que mudou tudo! Eu morava em Maringá na época, e eu namorava a Dayse, com quem eu acabei casando, me deu dois filhos [...] Ela estudava... Eu fazia Química e ela fazia Psicologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Aí aconteceu o Caso Morenão, no dia 06 de março de 1982. Aí eu fiquei doido, né: "Preciso investigar esse caso... eu preciso investigar esse caso!". Aí ela: "Ah, mas eu sou de Campo Grande, ué, vamos pra lá. Você conhece meus pais, conhece a cidade e investiga o caso". "É mesmo?!". Aí fomos na semana seguinte (Gevaerd, 2018)

.

Mais de dois anos se passaram desde o Caso Morenão, como ficou conhecido o avistamento em Campo Grande em 1982 e sua mudança para a capital sul-mato-grossense até o lançamento da *Ufologia Nacional & Internacional* , com a revista sendo lançada no início de 1985. Sobre o lançamento da revista, Gevaerd considerou que foi ocasionada por motivos financeiros e profissionais:

> Olha, a revista surgiu nos anos 80. Naquela época não havia computador, imagina, muito menos internet, essa coisa toda, foi muito difícil fazer revista no início. Eu era professor de Química, não tinha formação em jornalismo. Sabia escrever mais ou menos; eu já escrevia artigos para uma revista em São Paulo chamada Planeta. Mas, daí pra você ter conhecimento pra lançar uma revista é outra história. Como é que aconteceu isso? Eu estava sufocado, dando aula em quatro colégios em Campo Grande e um em Dourados,

> pra poder sobreviver. E eu não tinha mais tempo pra pesquisar a ufologia, que era o que eu gostava de fazer. Porque eu tina que dar aula de manhã, tarde, de noite, de manhã, tarde e de noite. Era uma loucura; que eu já tinha uma família; apesar de estar com 21 anos eu já tinha filho. Mas era complicado né. E eu pensava: "puxa vida, se eu continuar assim eu não vou poder mais pesquisar a ufologia. Então tem que arranjar alguma coisa dentro da ufologia com a qual eu possa ganhar algum recurso, ganhar alguma coisa, me dedicar a ufologia." Ai eu pensei numa revista, mas eu não tinha nenhuma ideia de como fazer uma revista (Gevaerd, 2018)

A partir dessa entrevista, observou-se a construção de uma narrativa interpessoal do editor, que conectou um caso ufológico de expressão com as origens de seus periódicos ufológicos, ainda que o próprio admitisse que havia ocorrido por frustrações profissionais e também financeiras. A menção à *Planeta*, periódico lançado em 1972 no Brasil, uma versão francesa da *Plànete*, justifica-se pois este periódico notabilizou-se no Brasil por matérias e edições destinadas a um conteúdo esotérico, paranormal e ufológico entre as décadas de 1970 e 1980, possibilitando um nicho editorial profícuo e promissor consumido e almejado por Gevaerd. Sua participação na *Planeta*, porém, não foi possível averiguar, em razão de poucas documentações encontradas que subsidiem tal informação.

A *Ufologia Nacional & Internacional* caracterizava-se pela produção com ares artesanais, com um material simples, imagens em preto e branco, e numerosos textos, que enchiam o corpo da revista e sem apoio de uma editora por trás. Era feita em parceria com o CPDV (Centro de Pesquisa de Discos Voadores). Nelson Werneck Sodré comenta que uma imprensa artesanal vivia da opinião dos leitores e buscava servi-la (SODRÉ, 1999, p. 13); nesse sentido, tal revista caracterizava-se como um periódico de uma imprensa artesanal não apenas pela materialidade e produção da obra, mas principalmente por seu discurso girar em torno da opinião e do posicionamento de seus leitores, procurando sempre legitimá-la e agradá-la, visto que era a partir disso que ela sobrevivia. Duraria, por fim, em torno de 10 edições, sendo desvinculada em 1986, junto com à revista *Parapsicologia Hoje*. Este periódico, lançado meses após *Ufologia*, era destinado à investigação da paranormalidade, abordando diversas temáticas de ocultismo, tais como a clarividência, fenomenologia poltergeist, telepatia, dentre vários outros temas. Segundo Gevaerd (2013), isso foi influência de vertentes que vicejavam na Ufologia Brasileira dos anos 80, com forte viés para o lado mais espiritualista da ação da Terra de outras inteligências cósmicas (Gevaerd, 2013), o que, em termos econômicos, significava uma diversificação de abordagens para angariar público e audiência dos que se interessavam pela temática parapsicológica.

A *Parapsicologia Hoje* duraria ainda menos que a antecessora, totalizando 5 edições, sucumbindo à escalada da crise na economia brasileira do período. Em fevereiro de 1986, seria lançado o Plano Cruzado, programa da nova política econômica do governo Sarney, que se baseou em congelamentos de preços, redefinições de salários, que momentaneamente deu fôlego à economia nacional, mas logo resultou numa das mais severas inflações já vistas. Nesse período a inflação se multiplicou por quatro, chegando a 1.000% ao ano e às portas da hiperinflação (Almeida, 2009, p. 56). Nessas condições adversas, ambos os periódicos sucumbiram para dar lugar a uma nova tentativa editorial.

O próximo produto lançado por Gevaerd, a *PSI-UFO*, foi uma junção das revistas antecessoras, buscando mesclar as abordagens da ufologia e da paranormalidade em um só periódico. A estratégia não se mostrou frutífera, pois esta revista durou apenas 6 edições, de 1986 a 1987. *PSI-UFO* foi marcada não somente pela brevidade das publicações, mas pelo conflito público entre os pares, especialmente Ademar José Gevaerd e Luiz Gonzaga Scortecci de Paula, um colaborador antigo de Brasília, que criticou as abordagens da ufologia brasileira, sua falta de rigor científico e a linha editorial da revista, na edição derradeira de maio/junho de 1987.

Por fim, após um silêncio considerável de meses após o fim tumultuado de *PSI-UFO*, a revista *UFO* foi lançada em março de 1988. Porém, assim como suas antecessoras, o periódico continuou sofrendo abalos consistentes, em virtude do avanço da hiperinflação e do fracasso da política econômica de Fernando Collor de Mello (1990-1992). Neste período, a revista conviveu com hiatos de lançamentos entre suas edições e quase desapareceu em meados de 1992 quando apenas duas edições anuais foram lançadas. Esses hiatos empreendidos nos primeiros anos da revista *UFO*, porém, só ocorreram pois Gevaerd, através do Centro de Pesquisas de Discos Voadores, conseguiu reunir no entorno da revista, a ampla maioria dos ufólogos ditos "profissionais", que corresponderiam a possíveis concorrentes caso não fossem relacionados à revista. Nesse sentido, a revista podia ausentar-se quando frente às adversidades econômicas. Com as proximidades de 1993 e a melhora gradual da economia, a revista adquiriu uma regularidade de publicações que a permitiu sobreviver no mercado editorial.

Essa descontinuidade das revistas ufológicas editadas por Gevaerd tornou-se recorrente em razão das dificuldades econômicas da década de 1980, relatadas

por ele em entrevista[5]: "Quebrei umas cinco, seis vezes nesse meio mas, a última vez que eu quebrei tem... sei lá, coisa de uns dez anos. A última quebra, deve ter sido a sexta quebra, assim, que eu fiquei na lona" (Gevaerd, 2018).

De fato, as dificuldades da economia brasileira na chamada "década perdida" dificultavam a tarefa e o empreendimento de editar uma revista que abordava um nicho muito especifico e fora do eixo Rio-São Paulo, de modo que a edição e lançamento dessas revistas não constituíam em projetos esquematizados, e sim em uma série de tentativas de lançamento de um produto que encontrasse seu mercado consumidor e que conseguisse mínima estabilidade no mercado editorial, porém que se provaram infrutíferas à espera de uma que desse resultados, o que foi admitido por Gevaerd na edição comemorativa da ducentésima edição da UFO, em 2013:

> Mas o sonho não acabou de verdade, porque não é tão fácil assim acabar com um genuíno — ele apenas mudou de formato! Um pouco mais de pés no chão não fazem mal a ninguém e foi com eles bem firmados no solo e o pensamento continuamente nas estrelas que, em março de 1988, tudo voltaria a se repetir com o lançamento da Revista UFO que temos hoje. Estavam encerrados os projetos anteriores. O que começou a tomar forma desde a primeira edição, vencendo novamente as mesmas barreiras que antes já havíamos derrubado antes, foi uma publicação crescente e com apoio significativo da Ufologia Brasileira. UFO surgiu para alívio daqueles que, como eu fiquei quando a OVNI Documento fechou, sentiram na carne a falta de um veículo de comunicação feito por ufólogos apaixonados pelo tema, que pudesse chegar tanto a outros ufólogos como ao público em geral — que logo aderiu à nova publicação, fazendo sua circulação chegar, poucos anos depois, a 50 mil exemplares por mês, outro recorde mundial (Gevaerd, 2013).

Tal informação já aparecia de forma sucinta no artigo inaugural "Fenômeno UFO: Hora de Mudanças", da edição nº 01 de *UFO*, de março de 1988:

> Isso é o que pretendemos fazer através desta publicação: sem sensacionalismo, efetuar uma campanha nacional de alerta e divulgação sobre o Fenômeno UFO, em toda a sua extensão e por através de todas as suas características. Nosso instrumento de trabalho imediato é esta revista. Futuramente teremos mais recursos (Gevaerd, 1988, p.4)

O cenário da economia interferia até mesmo na editoração física da revista, como exposto no editorial da edição nº 2, de abril de 1988:

> [...] quanto mais páginas, mais custos e o preço de capa terá que ser mais alto. Por isso, optamos por fazer um programa de trabalho, segundo o qual nossas primeiras edições seriam "enxutas", com poucas páginas mas conteúdo de boa qualidade editorial

5 Citação a ser referenciada posteriormente

> (como pode ser constatado), e, a partir da solidificação da publicação, gradativamente aumentaríamos seu número de páginas, até atingir o volume de 60 páginas (Gevaerd, 1988, p.5).

Dessa forma, o surgimento da *UFO* enquanto veículo de imprensa em 1988 se revelou em um momento de instabilidade e incertezas econômicas e financeiras, resultando num periódico que conviveu com a iminência de um novo cancelamento e num material enxuto e relativamente pequeno. Um desafio editorial, com uma média aproximada de 28 a 30 páginas em suas primeiras edições. Em razão disso, em suas edições iniciais, matérias e reportagens evocando a casuística ufológica de Mato Grosso do Sul mostravam-se bem-vindas para preencher o interior da revista, beneficiando-se da sede geográfica em Campo Grande.

SERTÕES: DESERTOS DE CIVILIZAÇÃO; RESERVAS DE BRASILIDADE, E DE UFOLOGIA

No interior da revista, as campanhas publicitárias e produtos divulgados não tiveram grandes modificações em relação a suas anteriores. Em sua maioria, eram de produtos dispersos, de temática esotérica, como anúncios de mapas astrais (edição nº 2); assim como obras da editora Esotera, que comercializava livros voltados à temática ufológica e ocultista, aparecendo nas três edições analisadas. Os anúncios da Esotera eram grandes preenchendo o canto inferior direito do layout da revista, contrastando com o anúncio de um Hotel-Fazenda intitulado Salobra, que preenchia a página final inteira, a partir da edição inaugural de *UFO*, de março de 1988. Houve também um curioso anúncio de um UFO Turismo (edição nº 1 e 3), prenunciando as intenções da revista nas edições seguintes:

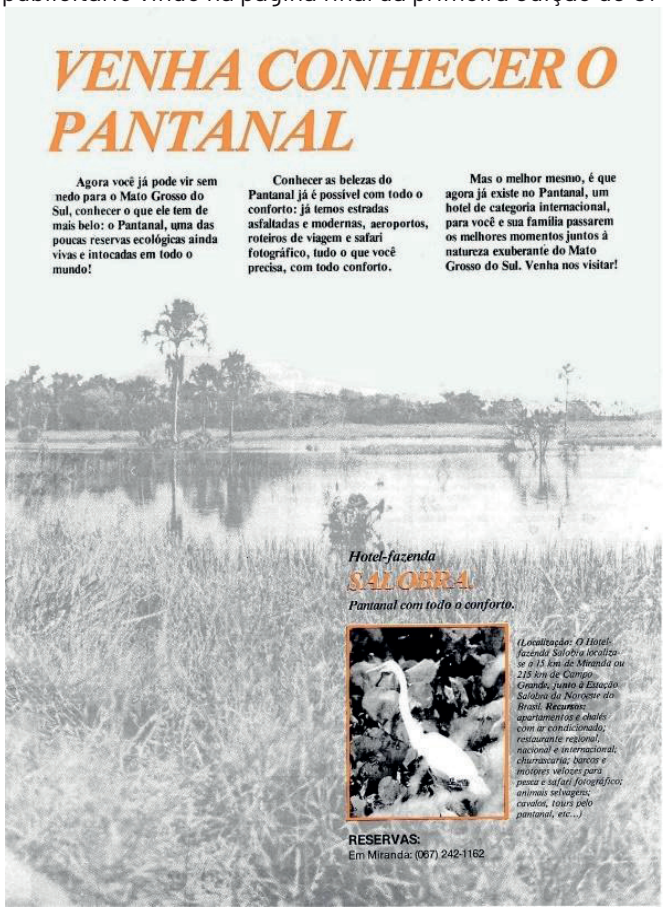
Figura 1 – Anúncio publicitário presente na edição nº 2 de *UFO*, de abril de 1988



Fonte: *UFO*, Mato Grosso do Sul, ed. nº 2, 1988, p. 25.

Não fica claro qual seria o destino desse "UFO Turismo", mas pelas informações de contato serem díspares, não acredita-se que tenha relação com o anúncio do Hotel Fazenda, que viria nas nas edições 1 e 2, destacando o Pantanal e sugerindo ao turista hospedar-se no Hotel-Fazenda:

Figura 2 – Anúncio publicitário vindo na página final da primeira edição de UFO, de março de 1988



Fonte: UFO, Mato Grosso do Sul, ed. nº 1, 1988, p. 28.

Direcionada a leitores de fora de Mato Grosso do Sul e com certo poder econômico, este anúncio apresenta as clássicas visões atribuídas a essa região, correlacionando a antiga visão de barbárie com as novidades tecnológicas. E ainda que seja uma revista editada em Mato Grosso do Sul, grande parte do corpo editorial de *UFO*, incluindo Gevaerd, era formado por pessoas originárias de outros estados brasileiros, como os editores e articulistas Claudeir Covo, paulista; Irene Granchi, alemã naturalizada brasileira; Marco Antonio Petit carioca. Nesse sentido, é notório o teor da matéria ao se referir a Mato Grosso do Sul e ao Pantanal com um misto de barbárie: "Agora você já pode vir sem medo para o Mato Grosso do Sul"; de admiração e idílio: "O Pantanal, uma das poucas reservas ecológicas ainda vivas e intocadas em todo o mundo"; e de modernidade "já temos estradas asfaltadas e modernas, aeroportos, [...] tudo o que você precisa, com todo conforto".

As discussões de Durval Muniz Albuquerque Junior sobre o conceito de região são relevantes para entender a criação deste discurso e visão, ao considerar que "a região é também produto dos devaneios, dos sonhos, das utopias, dos investimentos imaginários, das simbologias, dos mitos, das lendas, das invenções poéticas e estéticas dos homens"(Albuquerque Junior, 2008, p.62). Nesse contexto, Mato Grosso do Sul, estado jovem e com potencialidades ainda a serem descobertas, seria um dos focos de progresso e desenvolvimento no futuro graças à sua natureza exuberante e seu estado quase que desconhecido.

Ademais, o anúncio publicitário das edições 3 e 4 manteve o foco no Hotel-Fazenda, porém com uma abordagem completamente diferente até então, pois entrava em cena o discurso ufológico da revista.

Figura 3 – Anúncio publicitário presente nas edições 3 e 4 de *UFO* (1988)



Fonte: *UFO*, ed. nº 3, Mato Grosso do Sul, 1988, p. 28.

Este anúncio é curioso pela adaptação da publicidade ao discurso ufológico propagado da revista, pois a publicidade, que se reflete em financiamento do periódico, numa imprensa fundada sob o ordenamento capitalista, condiciona e redireciona a opinião emitida pelo veículo em questão. Ora, se havia indicação de uma formidável casuística ufológica no Pantanal, porque a mesma não aparecia nos anúncios anteriores publicados pela revista e de forma contínua nos meses seguintes?

Segundo este anúncio, os dados a respeito dos avistamentos ufológicos do Pantanal foram obtidos a partir de uma pesquisa comandada pelo CPDV, que indicava a observação de um UFO a cada 72 horas. Aparecendo em letras

minúsculas como uma referência de rodapé, como se quisesse esconder a informação, é explícita a fragilidade destes dados e desta suposta pesquisa.

Além disso, a edição nº 4 de *UFO*, de junho/julho de 1988, dedicou-se ao estudo da casuística ufológica em áreas interioranas do país. Destacaram-se matérias de avistamentos ambientados em Minas Gerais, Ceará e Mato Grosso do Sul. Importa ressaltar que, segundo Galetti:

> [...] não apenas Mato Grosso era um sertão de barbárie, mas também porções do Nordeste, zonas da Mata atlântica, a imensidão dos pastos gaúchos, os chapadões e cerrados do Planalto Central, pantanais e florestas das regiões Oeste e Amazônica (Galetti, 2012, p. 207).

De fato, o "resto" do Brasil distante da costa litorânea. Na matéria principal desta edição, que abordou os casos de Minas Gerais, houve uma ligeira introdução feita por Gevaerd para apresentar o autor do texto, o mineiro Antônio Faleiro:

> Entre essas pessoas, no entanto, poucas tem à disposição e o engajamento para o trabalho - dificílimo, por sinal - quanto o autor da matéria que UFO apresenta a seguir. Antônio Faleiro é, talvez, uma das poucas pessoas no Brasil que mantêm atividades de vigília e investigação de campo ininterruptamente há 10 anos, desde que começou suas atividades em Passa Tempo, interior de Minas Gerais e região de incidência "alarmante" de observações de Ufos (Gevaerd, 1988, p.8).

Ao mencionar o enfoque das pesquisas de Faleiro, que englobavam aspectos de lendas do folclore mineiro com a ufologia, Gevaerd considerou que:

> Portanto, esta face da Ufologia merece uma atenção destacada de seu contexto geral, justamente porque atinge uma cultura cabocla pura, despoluída, límpida e cristalina, surgida num meio onde as pessoas ainda não estão (ou estiveram) absorvidas pela vida tresloucada da Humanidade atual. (Gevaerd, 1988, p.8)

Nessa perspectiva, a partir das ocorrências testemunhadas por uma população interiorana, que residia nesses espaços pouco tocados pela "civilização", seria possível conferir uma maior autenticidade a eventos dessa natureza em razão da pouca familiaridade desse grupo com o conceito e a área da ufologia. Isso seria ocasionado pela sua "cultura cabocla" (sic) e pouco tocada pela vida urbana; ou seja, pelo pouco conhecimento que essa população adquiriu com o fenômeno OVNI. Nesse aspecto, a própria revista considerava este um fenômeno de caráter urbano e, de certa forma, letrado.

Sobre Mato Grosso do Sul, Gevaerd, que assinou a matéria vinda num quadro

anexo à matéria principal, considerou que, assim como em Minas Gerais e na maioria dos estados mais "interioranos" do Brasil, também se verificava uma acentuada e diversificada casuística ufológica ocorridas nas áreas alagadas do Pantanal:

> Voltando à região pantaneira, é no Pantanal da Nhecolândia (Corumbá e Ladário) que se verifica a maior incidência de UFOs em Mato Grosso do Sul. Tal região, no entanto, com sua extensão rural, é pouquíssima habitada, devido à dificuldade de locomoção encontrada por proprietários de fazendas na área. [...] É dessas pessoas que ouvimos a maior quantidade de testemunhos de ocorrências ufológicas. [...] É dentro dessa região que se situam a Fazenda Bodoquena, [...] e o Hotel-Fazenda Salobra, uma reserva de animais onde se pode fazer turismo ecológico e "correr o risco" de ver um UFO (Gevaerd, 1988, p.11).

Neste texto foi exposta a associação entre o caráter alagado e despovoado do Pantanal e a facilidade para a observação de UFOS. Além disso, registrou-se, de forma velada, a publicidade do Hotel-Fazenda. Sobre a população residente nessas áreas isoladas, Galetti assinala:

> No que respeita às vastas regiões do interior do país, as visões mais otimistas destacavam sua natureza exuberante, que uma vez explorada as transformaria em verdadeiros paraísos modernos, e a importância de sua população como portadora de manifestações culturais que expressavam, pelo isolamento em que se mantivera, longe de influências alienígenas, as mais autênticas tradições brasileiras (Galetti, 1995, p.50).

Apropriado ao contexto, o trocadilho de Galetti nos possibilita compreender que era por se manterem longe dos conglomerados urbanos e estarem em uma área pouco habitada, as influências alienígenas (não as urbanas, e sim as extraterrestres) se faziam presentes e comuns na região do Pantanal. Ou seja, ao ressaltar a aura selvagem e intocada do Pantanal, esta roupagem, que foi propagada pela revista, criou condições subjetivas para a proliferação destas ocorrências em um estado próximo da naturalidade ou, como Gevaerd mencionara posteriormente, da endemia.

O caráter endêmico da região do Pantanal aparece em um parágrafo que mistura registros de contatos imediatos com casos de mutilações de gado:

> Em certos pontos, considerados de incidência endêmica, há acentuado número de ocorrências de pousos, sobrevôos com efeitos físicos e até mutilações de gado, enquanto contatos com tripulantes (de 3º a 4º graus) são mais raros. A região de Camapuã, a nordeste de Campo Grande (a capital), é campeã em registro de mutilações de animais por luzes misteriosas que, à noite, rondam as fazendas e sugerem a atividade de sinistros seres extraplanetários em algum tipo de experiência genética.

> O fato é que, na região citada, é considerável o número de bois e vacas que, após uma noite de "imensa atividade" de tais fenômenos luminosos, aparecem mortos no pasto, sem alguns de seus órgãos, (tais como língua, tetas, olhos e, às vezes, porém muito raramente, cérebro (Gevaerd, 1988, p. 11).

Tais narrativas de mutilações de animais não são recentes: remontam desde a década de 1970, e oscilam entre relatos de luzes misteriosas que atacam pessoas e animais, como na famosa Operação Prato[6] , de 1977, à explicações mais sensacionalistas e jocosas, como os chupa-cabras[7] da década de 1990.

Segundo Alexandre Sampaio Moura e Regina Lunardi Rocha, endemia pode ser conceituada como:

> [...] a ocorrência de um agravo dentro de um número esperado de casos para aquela região, naquele período de tempo, baseado na sua ocorrência em anos anteriores não epidêmicos. Desta forma, a incidência de uma doença endêmica é relativamente constante, podendo ocorrer variações sazonais no comportamento esperado para o agravo em questão (Moura; Rocha, 2012, p.15).

Gevaerd trouxe alguns dados sobre as observações de OVNIS nessa região, que ocorreriam durante "períodos ininterruptos de 60 e até 90 dias, com freqüência de uma observação a cada 72 horas. Porém o normal para o estado é o registro de uma observação ufológica por semana" (Gevaerd, 1988, p. 11). Dessa forma, observa-se que o uso da nomenclatura "endemia" corresponde a uma imagem hiperbólica, figura de linguagem, de forma a dramatizar essas ocorrências, visto que os dados apresentados são inconsistentes e não foi empregado método comparativo para assegurar que se trata de um caso endêmico de ocorrências ufológicas.

---

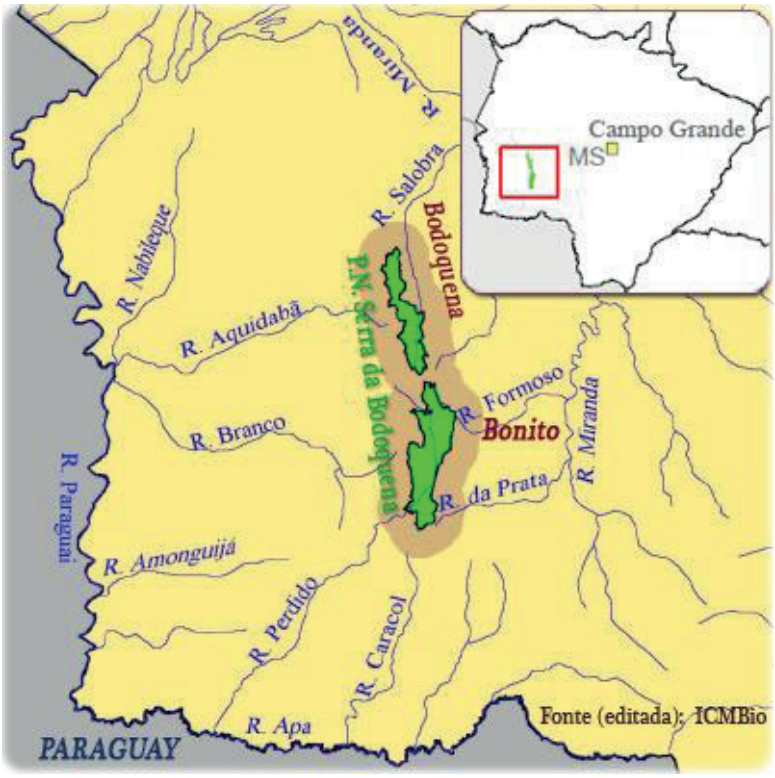
6 A Operação Prato foi uma investigação conduzida pela Força Aérea Brasileira (FAB) entre 1977 e 1978, no estado do Pará, especialmente na região de Colares. A operação teve como objetivo apurar relatos de fenômenos aéreos não identificados que estariam causando medo na população local, incluindo luzes misteriosas no céu e supostos efeitos físicos nas pessoas. Militares coletaram depoimentos, fotografias, filmes e produziram relatórios técnicos sobre os avistamentos. Embora os documentos não tenham apresentado uma explicação conclusiva, a Operação Prato tornou-se um dos casos mais emblemáticos da ufologia brasileira, tanto pelo envolvimento oficial das Forças Armadas quanto pela posterior liberação parcial de seus arquivos. Para saber mais: SCHRAMM, João Francisco. **A Alteridade Alienígena no Discurso Militar**. 2011. 76 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

7 Os chupacabras constituem um fenômeno do imaginário popular latino-americano que ganhou visibilidade nos anos 1990, a partir de relatos de ataques a animais domésticos, frequentemente associados a perfurações e suposta exsanguinação. Amplamente difundido pela mídia e por discursos ufológicos, o fenômeno foi interpretado como a ação de uma criatura desconhecida ou de origem extraterrestre. Análises posteriores tendem a compreendê-lo como uma construção sociocultural, relacionada à circulação de narrativas de medo, à espetacularização midiática e a explicações naturalizadas para eventos de origem animal. Para saber mais: GABATTIS, Josh. **A verdade científica por trás da lenda do chupa-cabra**. Site. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/vert-earth-38363455. Acesso em 04 jan. 2026

Ademais, o uso da expressão "endêmica" ocorre para ressaltar o caráter selvagem, afastado, longínquo da região, onde endemias diversas ocorrem de forma mais constante, numa adaptação de um determinismo biológico exótico. Nesse caso, a endemia referida da região é de incidência de OVNIs.

Já as áreas também consideradas como "endêmicas" em avistamentos de UFOs mas em menor escala, segundo Gevaerd, são as cidades de Campo Grande, Dourados, Ponta Porã (na fronteira como Paraguai), em tese cidades grandes e com conglomerados urbanos consideráveis, destacando que, até mesmo em áreas urbanas de Mato Grosso do Sul é possível a observação de OVNIs. A região da Serra da Bodoquena, que se estende desde os rios Miranda com Salobra (no município de Miranda) até a margem do rio Paraguai, na bacia hidrográfica do Pantanal (Gevaerd, 1988, p. 11) também foi ponto relevante de observação de OVNIs.

Figura 4 – Mapa da região da Serra da Bodoquena, indicada por Gevaerd como também endêmica mas em menor escala, em avistamentos de UFOs



Fonte: *ICMBio*

Gevaerd encerrou a matéria abordando sobre o Hotel fazenda Salobra, empreendimento localizado na cidade de Miranda - MS. Interessa notar o tom

publicitário na escrita do autor, ao mencionar que:

> [...] Hotel-fazenda Salobra (ver contra-capa dessa revista), uma reserva de animais onde se pode fazer turismo ecológico e "correr o risco" de ver um UFO. Este Hotel-fazenda, com dezenas de empregados, e uma espécie de "ponto de convergência de UFOs", é raro encontrar alguém que resida lá e que nunca tenha presenciado uma aparição (Gevaerd, 1988, p. 11).

Gevaerd, ao publicizar o Hotel-Fazenda, naturalizou tais ocorrências, sugerindo que, caso o leitor fosse para este local e se hospedasse no empreedimento, poderia observar um OVNI. O 'turismo ecológico' elencado pelo autor ultrapassa tal perspectiva, indicando, na verdade, um safari ufológico.

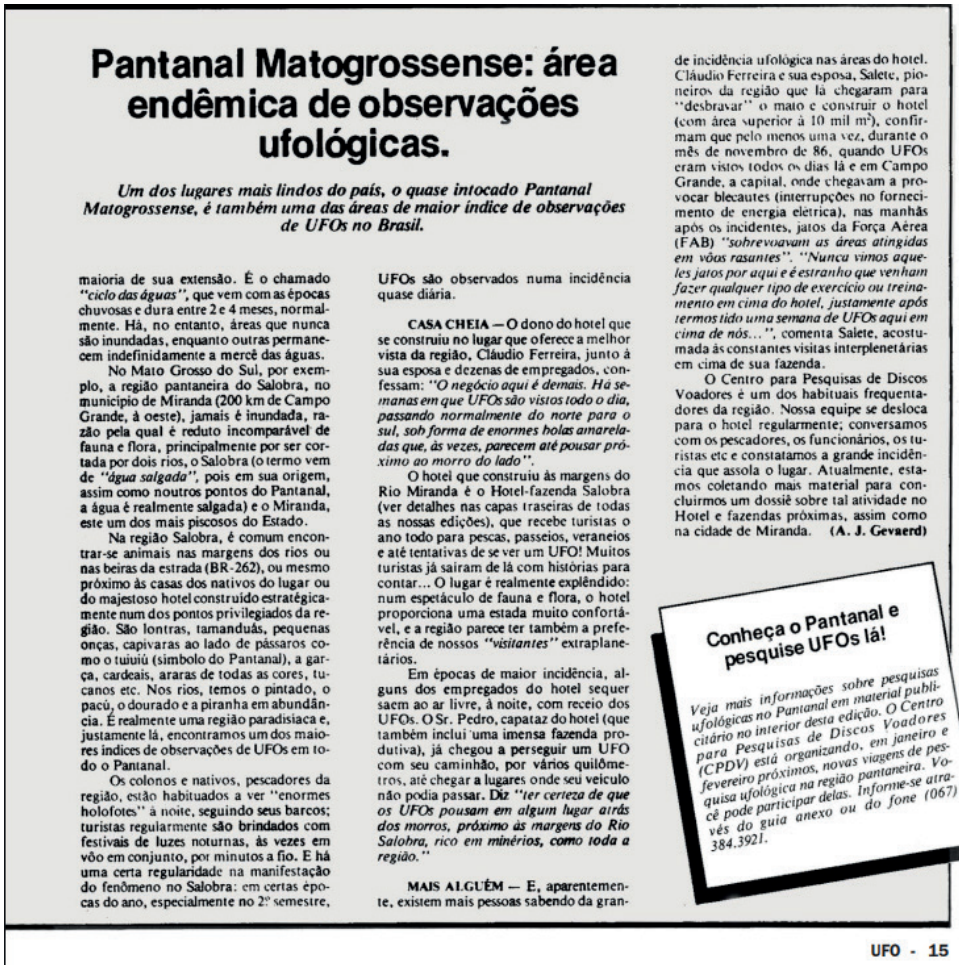
Para fins de conclusões, informes publicitários em impressos geralmente são divulgados nas contracapas, no meio das páginas, nos rodapés, ou no verso ao final. O deste Hotel-Fazenda, como já exposto, era um grande anúncio de página inteira, reverberando que o financiamento desta publicidade foi considerável para um destaque desta magnitude, tanto no espaço reservado às publicidades, quanto a uma edição completamente dedicada a uma temática que o incluísse e o divulgasse de forma literária.

CONCLUSÕES

Após duas edições em que se misturou publicidade com a ufologia, os outros anúncios ressaltando o Pantanal continuaram até a edição nº 17, em outubro/novembro de 1991, ora destacando o Hotel-Fazenda, ora exaltando as belezas do Pantanal e sua preservação. Essa continuidade longa de anúncios sugere que o Hotel-Fazenda era propriedade de alguém próximo do campo editorial da revista, pois somente alguém que comungasse das ideias propagadas pela revista permitiria a mutação de um mero empreendimento turístico em um local de ponto de observação de OVNIs e discos voadores.

Informações sobre os proprietários puderam ser encontradas na edição nº 6 de UFO, de novembro/dezembro de 1988. Esta edição dedicou-se inteiramente à casuística de Mato Grosso do Sul e apresentou, também, o Hotel-Fazenda:

Figura 5 – trecho de matéria sobre a casuística sul-matogrossense



Pantanal Matogrossense: área endêmica de observações ufológicas.

Um dos lugares mais lindos do país, o quase intocado Pantanal Matogrossense, é também uma das áreas de maior índice de observações de UFOs no Brasil.

maioria de sua extensão. É o chamado *"ciclo das águas"*, que vem com as épocas chuvosas e dura entre 2 e 4 meses, normalmente. Há, no entanto, áreas que nunca são inundadas, enquanto outras permanecem indefinidamente a mercê das águas.

No Mato Grosso do Sul, por exemplo, a região pantaneira do Salobra, no município de Miranda (200 km de Campo Grande, à oeste), jamais é inundada, razão pela qual é reduto incomparável de fauna e flora, principalmente por ser cortada por dois rios, o Salobra (o termo vem de *"água salgada"*, pois em sua origem, assim como noutros pontos do Pantanal, a água é realmente salgada) e o Miranda, este um dos mais piscosos do Estado.

Na região Salobra, é comum encontrar-se animais nas margens dos rios ou nas beiras da estrada (BR-262), ou mesmo próximo às casas dos nativos do lugar ou do majestoso hotel construído estratégicamente num dos pontos privilegiados da região. São lontras, tamanduás, pequenas onças, capivaras ao lado de pássaros como o tuiuiú (símbolo do Pantanal), a garça, cardeais, araras de todas as cores, tucanos etc. Nos rios, temos o pintado, o pacú, o dourado e a piranha em abundância. É realmente uma região paradisíaca e, justamente lá, encontramos um dos maiores índices de observações de UFOs em todo o Pantanal.

Os colonos e nativos, pescadores da região, estão habituados a ver "enormes holofotes" à noite, seguindo seus barcos; turistas regularmente são brindados com festivais de luzes noturnas, às vezes em vôo em conjunto, por minutos a fio. E há uma certa regularidade na manifestação do fenômeno no Salobra: em certas épocas do ano, especialmente no 2º semestre, UFOs são observados numa incidência quase diária.

CASA CHEIA — O dono do hotel que se construiu no lugar que oferece a melhor vista da região, Cláudio Ferreira, junto à sua esposa e dezenas de empregados, confessam: *"O negócio aqui é demais. Há semanas em que UFOs são vistos todo o dia, passando normalmente do norte para o sul, sob forma de enormes bolas amareladas que, às vezes, parecem até pousar próximo ao morro do lado"*.

O hotel que construiu às margens do Rio Miranda é o Hotel-fazenda Salobra (ver detalhes nas capas traseiras de todas as nossas edições), que recebe turistas o ano todo para pescas, passeios, veraneios e até tentativas de se ver um UFO! Muitos turistas já saíram de lá com histórias para contar... O lugar é realmente explêndido: num espetáculo de fauna e flora, o hotel proporciona uma estada muito confortável, e a região parece ter também a preferência de nossos *"visitantes"* extraplanetários.

Em épocas de maior incidência, alguns dos empregados do hotel sequer saem ao ar livre, à noite, com receio dos UFOs. O Sr. Pedro, capataz do hotel (que também inclui uma imensa fazenda produtiva), já chegou a perseguir um UFO com seu caminhão, por vários quilômetros, até chegar a lugares onde seu veículo não podia passar. Diz *"ter certeza de que os UFOs pousam em algum lugar atrás dos morros, próximo às margens do Rio Salobra, rico em minérios, como toda a região."*

MAIS ALGUÉM — E, aparentemente, existem mais pessoas sabendo da grande incidência ufológica nas áreas do hotel. Cláudio Ferreira e sua esposa, Salete, pioneiros da região que lá chegaram para "desbravar" o mato e construir o hotel (com área superior à 10 mil m²), confirmam que pelo menos uma vez, durante o mês de novembro de 86, quando UFOs eram vistos todos os dias lá e em Campo Grande, a capital, onde chegavam a provocar blecautes (interrupções no fornecimento de energia elétrica), nas manhãs após os incidentes, jatos da Força Aérea (FAB) *"sobrevoavam as áreas atingidas em vôos rasantes"*. *"Nunca vimos aqueles jatos por aqui e é estranho que venham fazer qualquer tipo de exercício ou treinamento em cima do hotel, justamente após termos tido uma semana de UFOs aqui em cima de nós..."*, comenta Salete, acostumada às constantes visitas interplenetárias em cima de sua fazenda.

O Centro para Pesquisas de Discos Voadores é um dos habituais frequentadores da região. Nossa equipe se desloca para o hotel regularmente; conversamos com os pescadores, os funcionários, os turistas etc e constatamos a grande incidência que assola o lugar. Atualmente, estamos coletando mais material para concluirmos um dossiê sobre tal atividade no Hotel e fazendas próximas, assim como na cidade de Miranda. **(A. J. Gevaerd)**

Conheça o Pantanal e pesquise UFOs lá!

Veja mais informações sobre pesquisas ufológicas no Pantanal em material publicitário no interior desta edição. O Centro para Pesquisas de Discos Voadores (CPDV) está organizando, em janeiro e fevereiro próximos, novas viagens de pesquisa ufológica na região pantaneira. Você pode participar delas. Informe-se através do guia anexo ou do fone (067) 384.3921.

UFO - 15

Fonte: *UFO*, ed. nº 6, Mato Grosso do Sul, 1988, p. 15.

Pesquisa efetuada na Junta Comercial de Mato Grosso do Sul apontou que a empresa de nome HOTEL FAZENDA SALOBRA LTDA foi constuída em 11 de dezembro de 1985, sob o CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) nº 01.544.006/0001-92. O documento aponta como proprietários Claudionor de Macedo Ferreira e Maria Salete Pinhata de Macedo Ferreira, casados, com documentação do estado de São Paulo e ambos com entrada no quadro societário em 14 de maio de 1991, período que contrasta com a fonte acima, que aponta como ambos donos do Hotel em 1988 e retroativamente em 1986. Isso levantou questionamentos a respeito dessa disparidade: ambos possivelmente exploravam economicamente o empreendimento desde o início das atividades, em 11 de dezembro de 1985, até a formalização da sociedade na Junta Comercial em 1991. Hoje, o CNPJ da empresa é dado como baixado no sistema da Receita

Federal.

Nesta reportagem, a entrevista com os proprietários apontaram as concordâncias com as teses ufológicas ao referendarem a hipótese do Hotel-Fazenda Salobra ser um local de incidência de OVNIs. Porém, o tom especializado dos entrevistados, que nominou os objetos como "UFOs", uma nomenclatura amplamente utilizada pelos ufólogos e pela revista, põe dúvidas sobre a origem desse discurso e se, de fato, os donos foram os verdadeiros autores, já que termos como "discos voadores"; "naves", "ovnis", dentre outros, encaixam-se de forma mais verossímil do que "UFOs" no senso comum ao nomear observações de supostos objetos voadores não identificados.

Claudionor e Maria Salete, ainda que não fossem iletrados, como anteriormente a revista apontou como fator de veracidade nas observações ufológicas, tampouco eram especialistas em ufologia, já que não foram encontradas quaisquer ligações conhecidas e acessíveis entre o casal e Gevaerd ou outro membro do corpo editorial da revista. Os termos em que essa publicidade se construiu são desconhecidos.

Nesse sentido, a hipótese mais concisa é a de que houve uma convergência de interesses nesta publicidade, um ganha-ganha recíproco, em que os proprietários patrocinavam a revista em um momento crucial de estabilização, em troca de publicizar o empreendimento para uma audiência, ainda que modesta, engajada, ainda mais quando lhe é apresentado um local de natureza turística e de observação ufológica.

A duração expressiva do anúncio, que durou mais de três anos desde as edições retratadas, certamente ocorrera no intuito de aproveitar o hype vivenciado pela região pantaneira à essa época, já que em março de 1990, na extinta rede de televisão Manchete, estreou a novela *Pantanal*, renovando a publicidade para um momento de alta da região em destaque nacional.

Esta obra revelou-se um enorme sucesso de audiência naquele ano, contribuindo para maior atenção e publicidade nacional à região pantaneira. E, ainda assim, a publicidade que mesclou os relatos de observação com o Hotel-Fazenda ocorreu apenas duas vezes, nas edições 3 e 4, indicando os riscos de ser atrelado a uma área pouco crível como a ufologia. Ademais, essa publicidade somente é compreendida num contexto de ausência de publicidades robustas na revista *UFO*, num momento em que "a publicidade se transformou no principal meio de recurso dos periódicos a partir do século XX" (Luca, 2008, p. 123),

resultando em estratégias ousadas por parte dos editores.

Lar da revista por quase 20 anos[8], as visões refletidas sobre o estado de Mato Grosso do Sul remetem a um estigma historicamente atribuído a esse espaço territorial, que se adapta ao periódico em questão. Se em décadas anteriores, a visão era de um espaço pouco povoado e habitado, que deveria ser ocupado frente ao estado de barbárie que fora acometido, cujos recursos naturais estupendos seriam a chave de expansão e crescimento no futuro, na década de 1980, em resposta ao discurso da *UFO*, esta característica, este vazio territorial, a predominância de fazendas e de pessoas trabalhadoras do campo, constituíam elementos que tornavam possível uma maior incidência de UFOs e avistamentos nesta região. A conservação das belezas naturais do Pantanal, pouco tocadas pela 'civilização', possibilitaram a averiguação de uma ufologia em seu estado bruto. A mensagem, como se observa, se mantém a mesma; o caráter regionalista, ufanizado e estigmatizado permanece, apenas com uma roupagem distinta e nova.

Vale ressaltar que, à época, Mato Grosso do Sul completava dez anos como unidade federativa autônoma do Brasil. Ocorrida a divisão em 1977, ansiava-se pelo futuro do estado e pelas potencialidades que o aguardariam no futuro. O CPDV (Centro de Pesquisa em Discos Voadores), presidido por Gevaerd e responsável pela edição da revista *UFO*, em suas primeiras edições, também guardava essa esperança pelo seu futuro editorial, após três tentativas infundadas. Como outrora, a resposta estaria nesses sertões, inóspitos e de difícil acesso. Desertos de civilização, reservas de potencialidades. Sejam elas econômicas ou ufológicas. E para a revista *UFO*, eram ambas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da história. **ANAIS do X Encontro Estadual de História da ANPUH** – Seção RS. 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões

8 *UFO* operou em Campo Grande de 1988 até 2007, quando Gevaerd transferiu a sede do periódico para Curitiba, capital paranaense e sua terra natal.

em torno do conceito de região**. Fronteiras**. Dourados: UFGD, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a História), 1988. 78p

CARLOS, Daniel Pícaro. *Extraterrestres: ciência e pensamento mítico no mundo moderno*. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/d1e5823e-773d-4b97-a1e4-92dbc384ae4e/content. Acesso em: 1 set. 2026

CHARTIER, Roger; ANTUNES, Cristina (TRAD). **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 80 p.

FALEIRO, Antônio; GEVAERD, Ademar José. A fenomenologia ufológica no interior de Minas Gerais. **Revista UFO**. Campo Grande, MS, edição nº 4. p. 8-11, jun. 1988.

GABATTIS, Josh. **A verdade científica por trás da lenda do chupa-cabra**. Site. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/vert-earth-38363455. Acesso em 04 jan. 2026

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. Mato Grosso: o estigma da barbárie e identidade regional. **Textos de História** (UnB), Brasília, v. 3, n.2, p. 48-81, 1995.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes**. Sertão, Fronteira, Brasil. Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização**. 1ª. ed. Cuiabá: Entrelinhas; EDUFMT, 2012. v. 1000. 309p

GEVAERD, Ademar José. Fenômeno UFO: Hora de Mudanças**. Revista UFO**. Campo Grande/MS. edição. Nº 01. p.4. mar. 1988.

GEVAERD, Ademar José. A hora e a vez da ufologia brasileira**. Revista UFO**. Campo Grande/MS. edição. Nº 01. p.4. abr. 1988.

GEVAERD, Ademar José**.** Discos voadores também no Mato Grosso do Sul. **Revista UFO**. Campo Grande/MS. edição. Nº 04. p. 11. Jun. 1988.

GEVAERD, Ademar José**.** Pantanal Matogrossense: área endêmica de observações ufológicas. **Revista UFO**. Campo Grande/MS. edição. Nº 06. p. 15. Novembro/Dezembro. 1988.

GEVAERD, Ademar José**.** Revista UFO, três décadas trabalhando pela Ufologia Brasileira e Mundial. **Revista UFO**. Curitiba/PR. Centro Brasileiro de Pesquisa de Discos Voadores. Mythos Editora Ltda. Ed. Nº 200. Maio de 2013. Site. Disponível em: https://ufo.com.br/edicoes-secoes.php?id=203 . Acesso em 04 jan. 2026

GELLER, Uri. **Biographical information**. Disponível em: https://urigeller.com/. Acesso em: 25 ago. 2026

KINDER, Gary. **Light years: an investigation into the extraterrestrial experiences of Eduard Meier**. New York: Atlantic Monthly Press, 1987.

LUCA, Tânia Regina. de. História dos, nos e por meio dos periódicos (1a ed. 2005; 2a ed. 2006, 2a ed. 1a reimpressão 2008). In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. 2aed.São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

MATO GROSSO DO SUL**. Junta Comercial do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ficha cadastral: Hotel Fazenda Salobra Ltda. NIRE 5420025592-9. Campo Grande, MS: Junta Comercial do Estado de Mato Grosso do Sul, 28 ago. 2026. Processo C264000620616/2882026/1109.

MOURA, Alexandre Sampaio; ROCHA, Regina Lunardi. **Endemias e Epidemias: dengue, leishmaniose, febre amarela, influenza, febre maculosa e leptospirose**.

Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2012. 78p.

NETO, Hermano Balbino dos Santos; BARBOSA, Ivan Santo. Propaganda e Publicidade, Linguagem e Identidade, Consumo e Cidadania: articulação entre conceitos e suas significações. In: **XXX Congresso Brasileiro da Comunicação**. Santos, 2007

POIAN, Paulo R. **Perdemos nossa matriarca – Irene Granchi também se foi**. Revista UFO, 13 dez. 2010. Disponível em: https://ufo.com.br/perdemos-nossa-matriarca-irene-granchi-tambem-se-foi/. Acesso em: 1 set. 2026.

REVISTA UFO. Venha conhecer o Pantanal. **Revista UFO**. Campo Grande/MS. edição. Nº 01. Verso. Mar. 1988.

REVISTA UFO**.** UFO TURISMO. **Revista UFO**. Campo Grande/MS. Edição. Nº 02. p. 25, abr. 1988.

SALLUM JUNIOR. Brasilio; KUGELMAS, Eduardo. O Leviathan declinante: a crise brasileira dos anos 80. **Estudos Avançados**, v. 5, n.13, p. 145-159, 1991.

SCHRAMM, João Francisco. **A Alteridade Alienígena no Discurso Militar**. 2011. 76 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

SILVA, Ana Cristina Teodoro Da. **O tempo e as imagens de mídia - capas de revistas como signos de um olhar contemporâneo**. 2003. Tese (Doutorado em História). Universidade do Estado de São Paulo, Assis. 231 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.